

EDUCAÇÃO INCLUSIVA

para além da
Educação Especial



CADERNO DE OFICINAS

ANDRÉA FLORES OLIVEIRA
ROSINEY ROCHA ALMEIDA
ROBERTA PEREIRA MATOS



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA (PROFEPT)
INSTITUTO FEDERAL DO NORTE DE MINAS GERAIS CAMPUS MONTES CLAROS

ANDRÉA FLORES OLIVEIRA
ROSINEY ROCHA ALMEIDA
ROBERTA PEREIRA MATOS

EDUCAÇÃO INCLUSIVA PARA ALÉM DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

CADERNO DE OFICINAS



Produto Educacional vinculado à dissertação:
Educação Especial Para Além da Educação Inclusiva: Inclusão de Estudantes com Necessidades
Educacionais Específicas não público da Educação Especial.

Montes Claros
2025

Autorizo, para fins de estudo, pesquisa e formação, a reprodução e a divulgação total ou parcial deste trabalho, em meio convencional ou eletrônico, desde que a fonte seja citada.

**EDUCAÇÃO INCLUSIVA PARA ALÉM DA EDUCAÇÃO
ESPECIAL © 2025 POR ANDRÉA FLORES OLIVEIRA E
ROSINEY ROCHA ALMEIDA ESTÁ LICENCIADA SOB CC
BY-NC-SA 4.0. PARA VISUALIZAR UMA CÓPIA DESTA
LICENÇA, VISITE
[HTTPS://CREATIVECOMMONS.ORG/LICENSES/BY-NC-
SA/4.0/](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/)**



Cara (o) leitora (or).

Prezamos aqui em criar um material acessível a todos, no entanto, caso você encontre alguma dificuldade de acessibilidade, conteúdo ou outros, me disponho a auxiliá-la (o).

Andréa Flores Oliveira
andrea.oliveira@ifnmg.edu.br

Sumário

Apresentação	8
Orientações	9
PORQUE DISCUTIMOS INCLUSÃO?.....	10
Oficina 1 – Conceitos de Inclusão e Integração e Modelos de Interpretação das Necessidades Educacionais Específicas (NEE)	11
BARREIRAS À APRENDIZAGEM.....	19
Oficina 2 – Conceitos de Dificuldades de aprendizagem (DA) e de transtornos específicos de aprendizagem (TEap) e Principais transtornos presentes nas escolas	20
REMOVENDO BARREIRAS À APRENDIZAGEM.....	26
Oficina 3 – Práticas Pedagógicas Inclusivas para a Remoção de Barreiras à Aprendizagem e Participação	27
Oficina 4 – Avaliação e Ensino Colaborativo: Caminhos para uma Escola Inclusiva	31
Construindo uma Rede de Saberes Inclusivos	36
Referências	39

APRESENTAÇÃO

Este eBook nasce do compromisso com uma educação verdadeiramente inclusiva, reflexiva e colaborativa. É fruto das investigações realizadas com professores regentes e docentes do Atendimento Educacional Especializado (AEE) no IFNMG – Campus Araçuaí, no contexto da pesquisa Educação Inclusiva para além da Educação Especial: Inclusão de estudantes com Necessidades Educacionais Específicas não pertencentes ao público da Educação Especial.

Durante esse processo, os profissionais envolvidos evidenciaram a necessidade de formação continuada, apoio técnico e espaços coletivos de troca, para que suas práticas pedagógicas não se limitem a esforços isolados, mas se fortaleçam por meio da colaboração e da construção conjunta de saberes.

As oficinas deste eBook têm como objetivo orientar e estimular reflexões sobre as práticas pedagógicas, promovendo estratégias colaborativas para a inclusão de estudantes com Necessidades Educacionais Específicas (NEE) que não fazem parte do público da Educação Especial, mas necessitam de atenção diferenciada. Busca-se, assim, favorecer o desenvolvimento de suas potencialidades em ambientes mais acolhedores, justos e sensíveis às singularidades de cada estudante.

Este produto educacional é destinado a gestores, professores e demais profissionais da educação básica, especialmente aqueles que atuam na Educação Profissional e Tecnológica (EPT), e que lidam — ou poderão lidar — com estudantes do Ensino Médio Integrado que enfrentam barreiras à aprendizagem e à participação.

Por meio das atividades propostas, buscamos suscitar o diálogo, a escuta ativa e a interação entre os participantes, para que possam, juntos, delinear ações que promovam a melhoria da aprendizagem e a inclusão dos estudantes com NEE, respeitando o contexto e as especificidades de cada escola.

Desejamos que este material inspire práticas transformadoras e que contribua para uma educação mais justa e inclusiva.

Boa leitura e excelente trabalho a todos!



ORIENTAÇÕES PARA A CONDUÇÃO DAS OFICINAS

Segundo Paviani e Fontana (2009), a Oficina é uma estratégia eficaz de formação continuada, pois articula teoria e prática, favorece o trabalho em equipe e possibilita a construção de saberes coletivos mais significativos. Nela, o coordenador não transmite conteúdos prontos, mas cria condições para que os participantes construam juntos o conhecimento de que necessitam, em uma abordagem centrada no aprendiz e na aprendizagem.

O mediador da oficina pode assistir aos vídeos sugeridos e, se necessário, substituí-los ou complementá-los por outros recursos, sempre considerando a duração para não tornar o encontro cansativo. As orientações apresentadas são apenas sugestões, cabendo ao condutor aprofundar ou simplificar os conteúdos conforme o tempo e as necessidades do grupo.

Para enriquecer as discussões, recomenda-se a leitura do referencial teórico utilizado, cujas referências completas estão indicadas ao final deste material.

A escolha e reserva do local deverão ser feitas com antecedência, observando o espaço necessário, os recursos como aparelhos de som ou projetor multimídia, a iluminação, as condições climáticas caso seja em espaço aberto, bem como possíveis ruídos ou movimentações que possam atrapalhar o andamento.

Todo o material deve ser preparado com antecedência para evitar imprevistos. Recomenda-se organizar pastas individuais com itens básicos, como bloco de anotações e canetas. Quando os participantes não se conhecem, o uso de crachás pode facilitar a comunicação.



As sugestões são flexíveis:
o essencial é promover
reflexão, diálogo e construção
coletiva do conhecimento.

Organize o local da Oficina com
antecedência.

Prepare todo o material com
antecedência e organize recursos
simples — como pastas e crachás
— para garantir uma oficina
dinâmica e acolhedora.

PORQUE DISCUTIMOS INCLUSÃO?

A proposta aqui apresentada busca contribuir para o fortalecimento das estratégias que garantem o respeito à diversidade e a efetivação da educação inclusiva. Nesse processo, torna-se essencial somar e multiplicar ações colaborativas e inclusivas, evitando perspectivas que, em vez de libertar, acabem por aprisionar. Ressalta-se ainda que a reconfiguração de olhar as diferenças é um passo fundamental, pois é a partir dela que se desencadeiam ações técnicas, pedagógicas, morais e éticas capazes de sustentar a construção de uma escola verdadeiramente inclusiva.

Refletir sobre inclusão na Educação Profissional e Tecnológica (EPT) é essencial para superar práticas excludentes e reconhecer que as diferenças não são obstáculos, mas dimensões constitutivas do processo formativo. Ao analisar os modelos que orientam o olhar para a diversidade, abrimos caminho para práticas pedagógicas mais justas, que garantem acesso, permanência e êxito a todos os estudantes.

Nos Institutos Federais, a inclusão propõe romper a barreira do estigma e valoriza a diversidade como parte essencial da identidade do estudante e de seu processo de aprendizagem. Assim, ao reconhecer que as diferenças constituem cada sujeito, tanto as potencialidades quanto os desafios passam a ser compreendidos como elementos fundamentais na relação pedagógica, influenciando diretamente o acesso, a permanência e o sucesso escolar.

Segundo Ainscow e Booth (2011), a inclusão educacional tem como propósito superar as barreiras criadas por atitudes e práticas que não reconhecem adequadamente a diversidade — seja de raça, classe social, etnia, religião, gênero ou habilidades. Essa perspectiva parte do princípio de que a educação constitui um direito fundamental e representa a base para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.



O papel que está previsto para os Institutos Federais é garantir a perenidade das ações que visem a incorporar, antes de tudo, setores sociais que historicamente foram alijados dos processos de desenvolvimento e modernização do Brasil, o que legitima e justifica a importância de sua natureza pública e afirma uma educação profissional e tecnológica como instrumento realmente vigoroso na construção e resgate da cidadania e da transformação social. (Brasil, 2010, p.20).



A era dos Institutos Federais exige que seus atores, em seu caminhar, conheçam-se em sua humanidade comum e (...) devem esses atores mobilizar o que sabem do mundo, superar as antinomias dos conhecimentos especializados, identificar a falsa racionalidade e estabelecer a correlação entre a mobilização dos conhecimentos de conjunto e a ativação da inteligência geral dos indivíduos. (Brasil, 2010, p. 24).



A escola que pretende seguir uma política de Educação Inclusiva desenvolve políticas, culturas e práticas que valorizam o contributo ativo de cada aluno para a construção de um conhecimento construído e partilhado e desta forma atingir a qualidade acadêmica e sócio cultural sem discriminação (Rodrigues, 2006, p. 2).

OFICINA 1 – CONCEITOS DE INCLUSÃO E INTEGRAÇÃO E MODELOS DE INTERPRETAÇÃO DAS NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECÍFICAS (NEE)



OBJETIVOS

- 1 Diferenciar os conceitos de integração e inclusão no contexto educacional.
- 2 Analisar os modelos de interpretação das NEE: médico, social e biopsicossocial.
- 3 Refletir sobre como esses modelos influenciam as práticas pedagógicas na EPT.
- 4 Promover a construção de uma visão crítica e inclusiva, reconhecendo as barreiras à aprendizagem e à participação como responsabilidade institucional.



PASSOS DA APLICAÇÃO

DINÂMICA DE ACOLHIDA
EXPOSIÇÃO DIALOGADA
ESTUDOS DE CASOS
FIXAÇÃO – MAPA DA INCLUSÃO



MATERIAL A SER UTILIZADO

Aparelho Data-show para exposição de slides e vídeo
Notebook com acesso à internet
Blocos post-it coloridos
Casos para estudo impressos
Folhas tamanho A5
Canetas coloridas
Tesouras
Material de escrita
Aparelho de som/Música
Cartolinas ou papel manilha

Motivacional Cordas



IMAGENS:

[Imagens explicativas Inclusão/Exclusão](#)

VÍDEOS:

[Maria T. Mantoan 1](#)

[Maria T. Mantoan 2](#)

[Rosângela Machado - Inclusão/Integração](#)

[Para criar seu slide click aqui](#)

LIVRO:

[Inclusão: O que é. Por que? Como fazer?](#)



OFICINA 1 – CONCEITOS DE INCLUSÃO E INTEGRAÇÃO E MODELOS DE INTERPRETAÇÃO DAS NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECÍFICAS (NEE)



OBJETIVOS

- 1 Diferenciar os conceitos de integração e inclusão no contexto educacional.
- 2 Analisar os modelos de interpretação das NEE: médico, social e biopsicossocial.
- 3 Refletir sobre como esses modelos influenciam as práticas pedagógicas na EPT.
- 4 Promover a construção de uma visão crítica e inclusiva, reconhecendo as barreiras à aprendizagem e à participação como responsabilidade institucional.



FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ao introduzir o assunto propriamente a ser discutido, recomendamos fazer um preâmbulo para reforçar alguns pontos importantes sobre inclusão:

- O que é Educação Especial
- Educação Especial X Educação Inclusiva
- Público da EE X Público da EI

Historicamente, a integração escolar, predominante até a década de 1990, buscava inserir o estudante no sistema educacional, mas exigia que ele se adaptasse às normas já estabelecidas. A inclusão, por sua vez, propõe a transformação da escola para atender a todos, reconhecendo a diversidade como um valor e princípio estruturante.

Os modelos de interpretação das NEE ajudam a compreender como a escola responde às diferenças:

- Médico/Clinico: foca no déficit individual e responsabiliza o estudante.
- Social: entende que as barreiras estão no ambiente e nas práticas escolares.
- Biopsicossocial: integra aspectos individuais e contextuais, propondo uma visão mais ampla.

Autores como Mantoan (2003), Stainback & Stainback (1999), Vygotsky (1997) e Ainscow & Booth (2002) sustentam que a inclusão só se efetiva quando a escola se transforma para atender a todos os alunos — e não apenas adapta alguns à lógica tradicional.



ESTRUTURA E ETAPAS DA OFICINA

Tempo total sugerido: 1h30 a 2h
Público-alvo: Professores, coordenadores, técnicos pedagógicos e demais profissionais da EPT.
Formato: Presencial ou remoto (com adaptações acessíveis).



MATERIAL DE APOIO TEÓRICO

[TEXTO FORMATIVO 1](#)

[TEXTO FORMATIVO 2](#)

[TEXTO FORMATIVO 3](#)

ACESSE O VÍDEO



ACOLHIDA E SENSIBILIZAÇÃO – “O QUE É INCLUSÃO PARA VOCÊ?”



Passo a passo da atividade

1. Acolhida

- O mediador dá as boas-vindas e apresenta brevemente o propósito da oficina.
- Explica que a atividade inicial servirá para conhecer as percepções individuais sobre inclusão.

2. Reflexão individual

- Cada participante deve registrar uma palavra ou frase curta que represente o que entende por inclusão.
- O registro pode ser feito em diferentes formatos:
 - Papel/cartão (que depois pode ser fixado em um mural físico).
 - Áudio curto (gravado no celular).
 - Mural digital colaborativo (Padlet, Jamboard, Mentimeter, etc.).

3. Compartilhamento

- Os registros são reunidos em um espaço comum (mural físico ou digital).
- O mediador lê algumas contribuições em voz alta, destacando a diversidade de percepções.

4. Síntese coletiva

- O grupo é convidado a observar os pontos em comum e as diferenças entre as respostas.
- O mediador conduz uma breve conversa, ressaltando que a inclusão é um conceito plural, construído coletivamente e em constante transformação.



Tempo sugerido: 15 a 20 minutos.

- Se possível, ao final, construa uma nuvem de palavras com os termos mais citados, para servir como registro visual da atividade.

EXPOSIÇÃO DIALOGADA

Exposição Dialogada – Conceitos e Modelos

1. Exposição dialogada (20–25 min)

- Estruturar a apresentação em três blocos:
- Integração x Inclusão: diferenças conceituais e históricas.
- Modelos de interpretação das NEE: médico, social e biopsicossocial.
- Implicações pedagógicas: como cada modelo influencia a prática docente.

2. Discussão coletiva (15 min)

- O mediador provoca o grupo com perguntas:
 - “Qual modelo ainda predomina em nossas escolas?”
 - “Como podemos avançar para uma perspectiva inclusiva?”

3. Síntese (5 min)

- Retomar os principais pontos.
- Destacar que a inclusão não é apenas presença física, mas participação, aprendizagem e pertencimento.



SLIDES
PARA
APRESENTAÇÃO



ATIVIDADE PRÁTICA EM GRUPO – “MODELOS EM AÇÃO”

1. Divisão em grupos (5 min)

- Formar pequenos grupos (4 a 6 participantes).
- Cada grupo recebe um caso fictício de estudante com NEE.

2. Análise do caso (20 min)

- Cada grupo deve discutir:
- Como o caso seria tratado sob o modelo médico (foco no déficit, encaminhamento clínico, segregação).
- Como poderia ser tratado sob o modelo social/biopsicossocial (foco nas barreiras, adaptações pedagógicas, apoio colaborativo).

3. Apresentação (15 min)

- Cada grupo compartilha suas conclusões em 3–5 minutos.
- O mediador registra os pontos principais em um quadro ou mural digital.

4. Síntese coletiva (10 min)

- O mediador conduz a reflexão final:
- Quais diferenças ficaram mais evidentes entre os modelos?
- Que práticas inclusivas podemos adotar em nosso contexto escolar?



MATERIAL DE APOIO

Ao reproduzir o material de apoio, recomendamos retirar a análise biopsicossocial, assim, os participantes poderão além de analisar os casos propostos, criar propostas de intervenção.



MATERIAL DE APOIO



Caso 1 – João (16 anos)

Estudante do Ensino Médio Integrado, apresenta dislexia diagnosticada. Tem dificuldade em leitura e escrita, mas demonstra grande interesse por tecnologia e programação.

- Modelo médico: foco no diagnóstico, encaminhamento para atendimento clínico, possível redução de atividades escritas.
- Modelo social/biopsicossocial: adaptação de materiais, uso de recursos digitais de leitura, valorização de suas habilidades em tecnologia, apoio colaborativo em sala.



Caso 3 – Carlos (17 anos)

Estudante com baixa visão, que não utiliza recursos de acessibilidade por vergonha de se diferenciar dos colegas. Tem bom desempenho oral, mas dificuldades em provas escritas e leituras extensas.

- Modelo médico: ênfase na limitação visual, encaminhamento para especialistas, possível exclusão de atividades visuais.
- Modelo social/biopsicossocial: oferta de materiais ampliados ou digitais, incentivo ao uso de tecnologias assistivas, sensibilização da turma para promover um ambiente acolhedor.



Caso 4 – Luiza (16 anos)

Aluna recém-chegada de outra cidade, com histórico de ansiedade social. Evita interações, não participa de apresentações orais e tem dificuldades em se integrar ao grupo.

- Modelo médico: foco no diagnóstico psicológico, encaminhamento clínico, pouca adaptação escolar.
- Modelo social/biopsicossocial: criação de atividades em duplas ou pequenos grupos, apoio da equipe pedagógica, valorização de outras formas de participação (escrita, produção digital).

Caso 2 – Ana (15 anos)

Aluna com déficit de atenção e hiperatividade. Participa ativamente das aulas, mas tem dificuldade em manter a concentração por longos períodos e frequentemente é repreendida por “não parar quieta”.

- Modelo médico: medicalização, foco no controle do comportamento.
- Modelo social/biopsicossocial: diversificação de metodologias, atividades mais dinâmicas, intervalos curtos, valorização de sua energia em trabalhos em grupo.



Você pode discutir os casos reais de sua escola! Como são dados pessoais e sensíveis, utilizaremos aqui, dados fictícios.

SÍNTESE E FECHAMENTO – “MAPA DA INCLUSÃO”



Passo a passo da atividade



Organização da Atividade

1. Preparação (antes da atividade): Disponibilizar um quadro grande, cartolina, papel pardo ou ferramenta digital colaborativa (Padlet, Jamboard, Miro, Mentimeter), canetas coloridas, post-its ou cartões
2. Início (5 min)
 - O mediador explica que o grupo construirá um Mapa da Inclusão, conectando conceitos trabalhados ao longo da oficina.
 -
3. Construção coletiva (20 min)
 - Os participantes, em grupos pequenos, escrevem palavras-chave ou frases curtas em post-its/cartões (ex.: barreiras, acessibilidade, adaptação curricular, pertencimento).
 - Cada grupo cola suas contribuições no quadro, organizando-as em torno dos três eixos principais:
 - Exclusão / Integração / Inclusão
 - Modelos de interpretação das NEE
 - Práticas pedagógicas
 - O mediador ajuda a conectar os conceitos com setas e categorias, formando o mapa conceitual.
4. Discussão e síntese (15 min)
 - O grupo observa o mapa pronto e reflete:
 - Quais conceitos se repetiram?
 - O que diferencia claramente integração de inclusão?
 - Que práticas inclusivas podemos levar para nossas escolas?
5. Fechamento (5 min)
 - O mediador destaca que o mapa é um registro coletivo do aprendizado e pode ser fotografado ou digitalizado para ser compartilhado com os participantes.
 - Finaliza reforçando a ideia de que a inclusão é um processo contínuo, construído em rede.



Dicas ao mediador

- Use cores diferentes para cada eixo (ex.: vermelho = exclusão, amarelo = integração, verde = inclusão).
- Incentive a participação de todos, garantindo que cada grupo contribua com pelo menos uma ideia.
- Se for digital, compartilhe o link do mural para que todos possam acessar depois.

MAPA DA INCLUSÃO (MODELO) – EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE



- Exclusão
 - Estudantes fora da escola
 - Negação de direitos
 - Invisibilidade
- Integração
 - Estudantes aceitos, mas precisam se adaptar
 - Poucas mudanças na escola
 - Participação limitada
- Inclusão
 - Escola se adapta ao estudante
 - Valorização das diferenças
 - Participação plena e pertencimento



- Modelos de Interpretação das NEE
- Médico
 - Foco no déficit individual
 - Encaminhamentos clínicos
 - Ênfase na limitação
 - Social
 - Foco nas barreiras impostas pelo ambiente
 - Direitos e acessibilidade
 - Transformação da escola e da sociedade
 - Biopsicossocial
 - Integra fatores individuais e contextuais
 - Reconhece potencialidades e necessidades
 - Apoio colaborativo e práticas inclusivas

Práticas Pedagógicas Inclusivas

- Adaptação curricular
- Recursos de acessibilidade
- Trabalho colaborativo
- Formação continuada
- Cultura de acolhimento e equidade



Sugestão de uso:

- Você pode desenhar esse esquema em um quadro ou projetar em slide vazio e ir preenchendo junto com os participantes.
- Se usar post-its, cada grupo pode contribuir com palavras-chave que serão coladas em cada parte do mapa.
- Ao final, fotografe o resultado e compartilhe como registro coletivo da oficina.



Para complementar o mapa online utilizando a ferramenta CMap Tools.

☒ Para fazer download acessar:

<https://cmap.ihmc.us/>

☒ Para aprender a utilizar o CMaps Tools assistir ao vídeo: Mapas Conceituais e o CMap Tools, disponível em:

www.youtube.com/watch?v=9W_lo8-TszI, ou .





AVALIAÇÃO E ENCERRAMENTO

■ Avaliação da Oficina

Avaliação formativa e reflexiva, com questionário acessível (digital ou impresso) contendo as perguntas:

1. Qual a principal diferença entre integração e inclusão?
2. Como os modelos de interpretação das NEE influenciam sua prática docente?
3. Que mudanças sua instituição precisa realizar para avançar rumo à inclusão?

Produto final: quadro comparativo ou mapa conceitual construído pelos grupos.

■ Mensagem de Encerramento

“A inclusão não se resume a acolher a diferença, mas a transformar a escola para que todos possam aprender e participar. A mudança começa quando reconhecemos que as barreiras estão no ambiente — e que cada educador é parte fundamental da sua superação.”



BARREIRAS À APRENDIZAGEM...

A inclusão educacional representa muito mais do que garantir o acesso à escola: ela exige a construção de práticas que reconheçam e valorizem as diferenças como parte essencial do processo de aprendizagem. Ao superar barreiras e repensar modelos tradicionais, a escola se transforma em um espaço de pertencimento, equidade e oportunidades para todos os estudantes.

Conhecer para agir é um princípio fundamental quando se trata das barreiras à aprendizagem. Na Educação Profissional e Tecnológica (EPT), um número significativo de estudantes apresenta dificuldades e transtornos de aprendizagem, mas muitas vezes esses aspectos não são devidamente identificados. A pesquisa “Educação inclusiva para além da educação especial: inclusão de estudantes não público da educação especial” evidenciou justamente a dificuldade dos docentes em reconhecer tais barreiras e em articular práticas pedagógicas capazes de superá-las. Soma-se a isso um agravante: esses estudantes, por não se enquadrarem no público-alvo da educação especial, acabam frequentemente invisibilizados, o que reforça a urgência de repensar estratégias inclusivas que garantam acesso, permanência e êxito a todos.

De acordo com Ainscow e Miles (2009), a inclusão educacional tem como objetivo central a remoção das barreiras que surgem de atitudes e práticas excludentes diante da diversidade de raça, classe social, etnia, religião, gênero e habilidades, reafirmando a educação como um direito básico e condição para uma sociedade mais justa. Nessa mesma direção, Carvalho (2000) amplia a compreensão ao destacar que as barreiras à aprendizagem não estão apenas nos estudantes, mas também no contexto escolar e social, manifestando-se em diferentes dimensões: atitudinais, pedagógicas, institucionais, físicas, comunicacionais e socioculturais. Assim, tanto Ainscow quanto Carvalho reforçam que a superação dessas barreiras exige mudanças estruturais e pedagógicas que garantam acesso, permanência e sucesso a todos os estudantes.

A Associação Brasileira de Dislexia (ABCD, 2021) define as DA da seguinte forma: não englobam nenhuma perturbação global da inteligência ou da personalidade, ou eventualmente, qualquer anomalia sensorial (auditiva, visual ou tátil ou motora). As dificuldades na aprendizagem podem ser causadas por diversos fatores pedagógicos, socioeconômicos ou emocionais. As metodologias de ensino inadequadas, falta de estímulos para estudar, problemas na comunicação, ausência de apoio familiar, questões emocionais, problemas relacionados à saúde, como cansaço ou má alimentação, o ambiente de estudo e a falta de motivação podem impactar os resultados acadêmicos.

É de extrema relevância detectarmos, através do diagnóstico, o momento da vida da criança que se iniciam os problemas de aprendizagem. Do ponto de vista da intervenção, faz muita diferença constatarmos que as dificuldades de aprendizagem se iniciam com o ingresso na escola, pois pode ser um forte indício de que a problemática tinha como causa fatores intraescolares (Bossa, 2000, p. 101).

Diante desse contexto, Ciasca (2008) acrescenta que, os distúrbios de aprendizagem dizem respeito diretamente ao indivíduo, pois envolvem comprometimentos de ordem orgânica. Os transtornos de aprendizagem vão além do padrão de dificuldade, pois, geralmente, estão associados à capacidade cognitiva, já que estas são alteradas por algum distúrbio orgânico.

OFICINA 2 – CONCEITOS DE DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM (DA) E DE TRANSTORNOS ESPECÍFICOS DE APRENDIZAGEM (TEAP) E PRINCIPAIS TRANSTORNOS PRESENTES NAS ESCOLAS



OBJETIVOS

- Compreender os conceitos de Dificuldades de Aprendizagem (DA) e Transtornos Específicos de Aprendizagem (TEAp) e o TDAH.
- Identificar as principais características dos transtornos mais frequentes no espaço escolar (dislexia, discalculia, disgrafia, TDAH, entre outros).
- Refletir sobre como esses transtornos impactam o processo de ensino e aprendizagem.



PASSOS DA APLICAÇÃO

DINÂMICA DE ACOLHIDA
EXPOSIÇÃO DIALOGADA
ATIVIDADE PRÁTICA EM GRUPO
DINÂMICA LÚDICA/REFLEXÃO
FIXAÇÃO – MAPA DA INCLUSÃO



MATERIAL A SER UTILIZADO

Aparelho Data-show para exposição de slides e vídeo
Notebook com acesso à internet
Blocos post-it coloridos
Casos para estudo impressos
Folhas tamanho A5
Canetas coloridas
Tesouras
Material de escrita
Material Impresso
Aparelho de som/Musica
Cartolinas ou papel manilha

Motivacional Aprender a Aprender



SITE:
[Para Criar seu Slide](#)

LIVRO:
[Dificuldades de Aprendizagem de A a Z](#)
[Transtornos e Distúrbios de Aprendizagem](#)

ARTIGO:
[Estudo de Caso](#)



OFICINA 2 – CONCEITOS DE DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM (DA) E DE TRANSTORNOS ESPECÍFICOS DE APRENDIZAGEM (TEAP) E PRINCIPAIS TRANSTORNOS PRESENTES NAS ESCOLAS



OBJETIVOS

- 1 Diferenciar os conceitos de integração e inclusão no contexto educacional.
- 2 Analisar os modelos de interpretação das NEE: médico, social e biopsicossocial.
- 3 Refletir sobre como esses modelos influenciam as práticas pedagógicas na EPT.
- 4 Promover a construção de uma visão crítica e inclusiva, reconhecendo as barreiras à aprendizagem e à participação como responsabilidade institucional.



FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As Dificuldades de Aprendizagem (DA) são obstáculos que podem surgir em diferentes momentos da escolarização, relacionados a fatores pedagógicos, emocionais, sociais ou contextuais. Já os Transtornos Específicos de Aprendizagem (TEAp) são condições de base neurobiológica, como: Dislexia (dificuldade na leitura), Discalculia (dificuldade em cálculos matemáticos), Disgrafia (dificuldade na escrita) e TDAH (impacta atenção e autorregulação).

Autores como Perrenoud (2000), Stainback & Stainback (2006), Hudson (2017) e Oliveira, Zutião & Mahl (2020) destacam que a escola deve superar a visão centrada no déficit e adotar práticas que valorizem as potencialidades dos estudantes.



ESTRUTURA E ETAPAS DA OFICINA

Tempo total sugerido: 1h30 a 2h
Público-alvo: Professores, coordenadores, técnicos pedagógicos e demais profissionais da EPT.
Formato: Presencial ou remoto (com adaptações acessíveis).



MATERIAL DE APOIO TEÓRICO

DIANA HUDSON

TEXTO FORMATIVO 1

TEXTO FORMATIVO 2



ACESSE O VÍDEO





Passo a passo da atividade

1. Acolhida

Distribuir ou projetar texto curto com letras embaralhadas ou espelhadas.

- O facilitador explica que a atividade busca colocar os participantes “na pele do estudante” que enfrenta barreiras de leitura.

- Ressalta que não se trata de simular a dislexia de forma literal, mas de provocar uma experiência de desconforto e desafio.

- 2. Convidar os participantes a relatarem como se sentiram: • Frustração? • Ansiedade? • Desmotivação? • Vontade de desistir?



- Exemplo de frase embaralhada:

- Texto original: “A inclusão valoriza as diferenças e promove a aprendizagem de todos.”

- Texto embaralhado: “A iulcnção vlaoriza as dfeirneças e pmorove a aprednizagem de tdoos.”

- 3. Relacionar as sensações vividas com a realidade de estudantes que enfrentam barreiras de aprendizagem diariamente.

- Perguntar:

- O que podemos mudar em nossas práticas pedagógicas para reduzir esse tipo de barreira?

- Como garantir que esses estudantes não sejam invisibilizados?

- 4. O facilitador reforça que a empatia é o primeiro passo para a inclusão. Reconhecer as barreiras é essencial para criar estratégias pedagógicas que assegurem o direito de aprender a todos.

EXPOSIÇÃO DIALOGADA

🔗 Exposição Dialogada – Conceitos e Características

Inicie com o vídeo Aprender a Aprender

1. Exposição dialogada (20–25 min)

- Estruturar a apresentação em três blocos:
- Concepções de Aprendizagem
- Diferença entre DA e TEAp
- Principais TEAp e Implicações pedagógicas

• 2. Discussão coletiva (15 min)

O que é aprendizagem para você/grupo?

- “Qual modelo ainda predomina em nossas escolas?”

- “Como podemos avançar para uma perspectiva inclusiva?”

3. Síntese (5 min)

- Retomar os principais pontos.
- Reforçar que conhecer os indícios de um TEAp facilita o trabalho do professor.



Texto Base Teórica

Vídeo Dislexia

Slides DA e TEAp

ABD SITE



ATIVIDADE PRÁTICA EM GRUPO – “MODELOS EM AÇÃO”

1. Divisão em grupos (5 min)

- Formar pequenos grupos (4 a 6 participantes).
- Cada grupo recebe um caso fictício de estudante com NEE.

2. Análise do caso (20 min)

Cada grupo receberá um caso fictício de estudante. A tarefa é:

1. Identificar as características apresentadas no caso.
2. Apontar as barreiras de aprendizagem que o estudante enfrenta.

3. Apresentação (15 min)

- Cada grupo compartilha suas conclusões em 3–5 minutos.
- O mediador registra os pontos principais em um quadro ou mural digital.

4. Síntese coletiva (10 min)

- O mediador conduz a reflexão final:
 1. De que maneiras as dificuldades de aprendizagem podem impactar o processo de ensino–aprendizagem em nossas práticas cotidianas?
 2. Quais barreiras pedagógicas e atitudinais ainda persistem em nossas salas de aula e como podemos reconhecê-las com mais clareza?
 3. Como podemos fortalecer a compreensão de que a inclusão não é privilégio, mas condição de equidade?
 4. De que forma reconhecer as diferenças pode se tornar um ponto de partida para garantir acesso, permanência e êxito dos estudantes?

MATERIAL DE APOIO

Reproduzir o material de apoio. Recomendamos ao final da Oficina, disponibilizar material de consulta aos participantes.





Caso 1 – Dislexia

João, 15 anos, estudante da EPT, apresenta leitura lenta, troca de letras e dificuldade em compreender textos longos. Evita ler em voz alta e demonstra insegurança em atividades escritas.

Caso 2 – Discalculia

Maria, 16 anos, tem grande dificuldade em compreender operações matemáticas básicas, confunde símbolos e apresenta ansiedade em provas de cálculo. Apesar disso, mostra interesse em atividades práticas e criativas.



Caso 4 – TDAH

Ana, 15 anos, demonstra dificuldade em manter a atenção durante as aulas, levanta-se com frequência, esquece materiais e não finaliza tarefas. Apesar disso, participa ativamente de discussões e tem boas ideias quando estimulada.



Pedro, 17 anos, escreve de forma ilegível, com espaçamento irregular e dificuldade em organizar ideias no papel. Prefere responder oralmente e se frustra quando precisa entregar trabalhos escritos.

Caso 5 – Disortografia

Carla, 14 anos, apresenta grande dificuldade em aplicar corretamente as regras ortográficas. Mesmo após várias revisões, seus textos contêm trocas de letras, omissões e erros frequentes de acentuação. Apesar disso, demonstra boa capacidade de argumentação oral e criatividade ao expor suas ideias.



Lucas, 15 anos, escreve de forma lenta e com letra pouco legível, apresentando espaçamento irregular e dificuldade em alinhar palavras no papel. Isso gera frustração, pois suas ideias são ricas, mas não aparecem claramente nos registros escritos.

SÍNTESE E FECHAMENTO – QUADRO DOS TEAP



Passo a passo da atividade

1. Fixação : Construção de um quadro coletivo com transtornos, características e estratégias inclusivas.

Reflexão final: 'O que muda em minha prática docente a partir do que vivenciamos hoje?'

2. Construção coletiva (20 min)

Avaliação da Oficina

Formativa: questionário acessível com três questões reflexivas:

- 1. Qual a diferença entre DA e TEAp?
- 2. Quais características você reconhece em estudantes com dislexia, discalculia ou TDAH?
- 3. Que estratégias pedagógicas você pode aplicar em sua prática para favorecer esses estudantes?



Dicas ao mediador

- Incentive a participação de todos, garantindo que cada grupo contribua com pelo menos uma ideia.
- Se for digital, compartilhe o link do mural para que todos possam acessar depois.

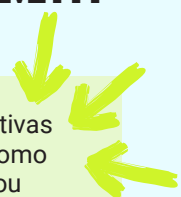


REMOVENDO BARREIRAS À APRENDIZAGEM...

A remoção de barreiras à aprendizagem é essencial para promover uma educação verdadeiramente inclusiva. Essas barreiras podem estar relacionadas a questões atitudinais, como preconceitos e atitudes negativas, ou a limitações físicas e materiais, como falta de recursos adaptados. Trabalhar para eliminar esses obstáculos garante que todos os estudantes tenham acesso às atividades, conhecimentos e experiências de forma igualitária.

Para isso, é fundamental implementar adaptações curriculares e metodológicas, ajustando o ensino às necessidades de cada aluno. A flexibilização do currículo, a diversificação de estratégias pedagógicas e o uso de tecnologias assistivas são ferramentas importantes para superar dificuldades específicas e promover a autonomia e a participação de todos.

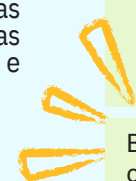
Além disso, a formação contínua dos educadores e a sensibilização da comunidade escolar são passos decisivos na construção de uma cultura de respeito às diferenças. Ao promover espaços dialógicos e práticas reflexivas, as escolas conseguem transformar percepções e atitudes, criando um ambiente acolhedor e propício ao aprendizado de todos os estudantes, independentemente de suas particularidades.



Barreiras atitudinais — relacionadas a preconceitos, estigmas e atitudes negativas em relação às diferenças dos alunos, como ocorre com pessoas com deficiências ou distúrbios de aprendizagem. Essas barreiras geram exclusão e rejeição no ambiente escolar, dificultando a inclusão e o acesso ao currículo.



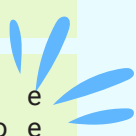
Barreiras físicas e materiais — deficiências na infraestrutura escolar, como falta de mobiliário adaptado, equipamentos ou recursos instrucionais adequados, que impedem o acesso efetivo ao ambiente e às atividades de aprendizagem,.



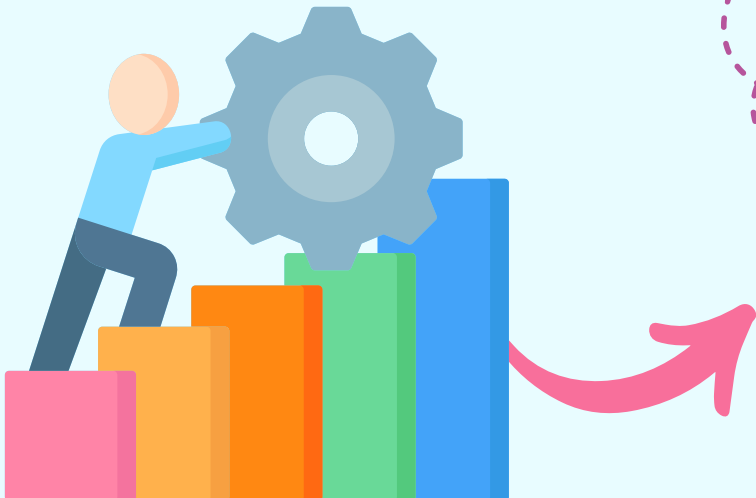
Barreiras organizativas e curriculares — currículos rígidos, metodologias pedagógicas inflexíveis e falta de adaptações curriculares que não consideram as necessidades específicas dos alunos, limitando a aprendizagem e a participação. Adaptar o currículo e as estratégias didáticas são formas importantes de superar essas barreiras,.



Barreiras de formação e capacitação — ausência ou insuficiência de qualificação adequada dos profissionais da educação para lidar com a diversidade dos alunos e para desenvolver práticas inclusivas eficazes.



Barreiras tecnológicas e informacionais — falta de acesso e conhecimento sobre tecnologias assistivas e programas educativos que poderiam facilitar o atendimento aos alunos com necessidades específicas.



OFICINA 3 – PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS PARA A REMOÇÃO DE BARREIRAS À APRENDIZAGEM E PARTICIPAÇÃO



OBJETIVOS

- Compreender os fundamentos teórico-práticos das práticas pedagógicas inclusivas.
- Identificar diferentes tipos de barreiras à aprendizagem e à participação no contexto escolar.
- Vivenciar, de forma prática e reflexiva, estratégias que promovam inclusão e equidade.
- Planejar ações pedagógicas colaborativas que favoreçam o acesso, a permanência e o sucesso de todos os estudantes.



PASSOS DA APLICAÇÃO

DINÂMICA DE ACOLHIDA
EXPOSIÇÃO DIALOGADA
ATIVIDADE PRÁTICA EM GRUPO
DINÂMICA LÚDICA/REFLEXÃO
FIXAÇÃO – MAPA DA INCLUSÃO



MATERIAL A SER UTILIZADO

Aparelho Data-show para exposição de slides e vídeo
Notebook com acesso à internet
Blocos post-it coloridos
Casos para estudo impressos
Folhas tamanho A5
Canetas coloridas
Tesouras
Material de escrita
Fita Crepe
Material Impresso
Aparelho de som/Musica
Cartolinas ou papel manilha

Vídeo Motivacional: O Menino do Balde



LIVRO:

Dificuldades de Aprendizagem de A a Z
Saberes e Práticas de Inclusão
Práticas para Sala de Aula



OFICINA 3 – PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS PARA A REMOÇÃO DE BARREIRAS À APRENDIZAGEM E PARTICIPAÇÃO



OBJETIVOS

- 1 Diferenciar os conceitos de integração e inclusão no contexto educacional.
- 2 Analisar os modelos de interpretação das NEE: médico, social e biopsicossocial.
- 3 Refletir sobre como esses modelos influenciam as práticas pedagógicas na EPT.
- 4 Promover a construção de uma visão crítica e inclusiva, reconhecendo as barreiras à aprendizagem e à participação como responsabilidade institucional.



FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A construção de uma escola inclusiva requer o reconhecimento de que as dificuldades de aprendizagem e participação não estão nos estudantes, mas nas barreiras criadas pelas práticas e estruturas escolares.

Para Ainscow e Miles (2009), a inclusão é um processo contínuo de remoção de barreiras que surgem de atitudes e práticas excludentes, exigindo um compromisso institucional em garantir a participação e o sucesso de todos os alunos.

De acordo com Carvalho (2000), as barreiras estão menos nas pessoas e mais nos contextos pedagógicos e institucionais, podendo ser atitudinais, físicas, comunicacionais ou curriculares. Superá-las implica repensar práticas, espaços e relações, tornando a escola um ambiente acessível e equitativo.

A perspectiva sócio-histórica de Vygotsky (1997) compreende a aprendizagem como um processo social e mediado, em que as diferenças são potencialidades e não limitações. O professor tem papel essencial na mediação e na valorização da diversidade como fonte de desenvolvimento.

Por sua vez, Saviani (1991), na Pedagogia Histórico-Crítica, defende uma prática pedagógica intencional e transformadora, que assegure o acesso ao conhecimento como direito de todos e promova a emancipação dos sujeitos.

“Incluir é transformar a escola em um espaço de todos, onde as diferenças não são obstáculos, mas caminhos para o aprendizado coletivo.”



ESTRUTURA E ETAPAS DA OFICINA

Tempo total sugerido: 1h30 a 2h
Público-alvo: Professores, coordenadores, técnicos pedagógicos e demais profissionais da EPT.
Formato: Presencial ou remoto (com adaptações acessíveis).



MATERIAL DE APOIO TEÓRICO

ACESSE O VÍDEO

ANDRÉA POLLETO

ROSITA E. CARVALHO

CARTILHA A A Z 1

CARTILHA A A Z 2

CARTILHA A A Z 3

CARTILHA A A Z 4



ATIVIDADE DE ACOLHIDA 3 – “BARREIRAS INVISÍVEIS



Passo a passo da atividade

Organização do espaço (antes do início da oficina)

O facilitador utiliza fita crepe ou barbante para criar um pequeno “labirinto” no chão ou no meio da sala, simbolizando as barreiras invisíveis que muitas vezes impedem a aprendizagem e a participação de todos os estudantes.

Introdução (3 min)

O facilitador inicia com a provocação:
“Na escola, nem todas as barreiras são visíveis. Algumas estão nas atitudes, outras nas práticas, e muitas nas estruturas. Vamos experimentar o que isso significa?”



O facilitador finaliza com a mensagem:

“As barreiras na escola nem sempre são físicas. Muitas são invisíveis, criadas por rotinas e expectativas. Cada prática pedagógica inclusiva que adotamos é um fio retirado dessa rede, abrindo caminhos para a participação de todos.”

Execução (10 min)

- Metade do grupo será convidada a atravessar o espaço com os “obstáculos invisíveis”, tentando não tocar nas fitas.
- A outra metade observa e anota o que percebe (emoções, reações, estratégias, dificuldades).
- Depois, invertem-se os papéis.

Reflexão coletiva (5 min)

Após a vivência, o facilitador conduz uma roda de conversa:

- Quais barreiras vocês sentiram ou observaram?
- Que estratégias ajudaram a “superar” os obstáculos?
- Como essa experiência se relaciona com o cotidiano escolar?
- Que tipo de práticas pedagógicas podem “remover” essas barreiras?

EXPOSIÇÃO DIALOGADA

2. Explicação Dialogada – “Desvendando as Barreiras” (20 min)

Conteúdo:

- Conceito de barreiras à aprendizagem e à participação.
- Tipos de barreiras: atitudinais, pedagógicas, arquitetônicas, comunicacionais, tecnológicas e socioculturais.
- Exemplos práticos do cotidiano escolar.

Atividade Interativa:

Distribua cartões com situações reais (ex.: aluno sem legenda em vídeo, docente que fala rápido demais, sala sem ventilação adequada).

Os grupos discutem e classificam qual tipo de barreira está presente e sugerem uma ação inclusiva para superá-la.



ATIVIDADE PRÁTICA EM GRUPO – “CASOS INCLUSIVOS EM AÇÃO” (30 MIN)

Objetivo: Analisar situações escolares e propor estratégias inclusivas.

Passos:

Divida o grupo em equipes.

Entregue um caso prático (dislexia, discalculia, disortografia, disgrafia, TDAH, deficiência auditiva, etc.).

As equipes devem:

Identificar as barreiras enfrentadas;

Apontar possíveis adaptações e recursos pedagógicos;

Sugerir práticas inclusivas para o professor e a instituição.

Produto:

Um quadro-síntese com três colunas:

→ “Desafio Identificado” | “Barreira Presente” | “Ação Inclusiva Proposta”

Socialização: Cada grupo apresenta suas propostas em plenária (cartazes, dramatização ou slides).

📺 Sugestões de Vídeos e Materiais para Linkar

1. “Estratégias Pedagógicas Inclusivas”
2. “3 Ações Comuns que Geram Barreiras Atitudinais”
3. “Quebra de Barreiras Atitudinais na Escola”
4. “Como Superar Barreiras que Impedem a Aprendizagem”
5. “Barreiras Atitudinais: Como Superar?” – reflexão sobre atitudes inclusivas no ambiente escolar.

AVALIAÇÃO

- Questões de autoavaliação:
 - a. Quais barreiras à aprendizagem e à participação você reconhece na sua prática?
 - b. Que estratégias inclusivas podem ajudar a superá-las?
 - c. Qual compromisso pessoal você assume para tornar sua prática mais inclusiva?
- Produto final: Mural coletivo de práticas inclusivas.
- Autoavaliação: Registro livre





OBJETIVOS

- Compreender o conceito de ensino colaborativo e sua relação com a avaliação inclusiva.
- Refletir sobre formas de avaliação que respeitem a diversidade e promovam a equidade.
- Vivenciar dinâmicas criativas que estimulem a cooperação entre docentes e estudantes.
- Planejar ações avaliativas compartilhadas entre professores, estudantes e equipe de apoio pedagógico.



PASSOS DA APLICAÇÃO

DINÂMICA DE ACOLHIDA
EXPOSIÇÃO DIALOGADA
ATIVIDADE PRÁTICA EM GRUPO
DINÂMICA LÚDICA/REFLEXÃO
FIXAÇÃO - MAPA DA INCLUSÃO



MATERIAL A SER UTILIZADO

Aparelho Data-show para exposição de slides e vídeo
Notebook com acesso à internet
Blocos post-it coloridos
Casos para estudo impressos
Folhas tamanho A5
Canetas coloridas
Tesouras
Material de escrita
Material Impresso
Aparelho de som/Musica
Cartolinas ou papel manilha



Ensino colaborativo para o apoio
à inclusão escolar: práticas
colaborativas entre os
professores





OBJETIVOS

- 1 Diferenciar os conceitos de integração e inclusão no contexto educacional.
- 2 Analisar os modelos de interpretação das NEE: médico, social e biopsicossocial.
- 3 Refletir sobre como esses modelos influenciam as práticas pedagógicas na EPT.
- 4 Promover a construção de uma visão crítica e inclusiva, reconhecendo as barreiras à aprendizagem e à participação como responsabilidade institucional.



FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

- Mendes, Zerbato & Capellini (2015) – O ensino colaborativo pressupõe planejamento, ação e reflexão conjunta entre professores da sala comum e da Educação Especial, com foco na aprendizagem de todos.
 - Luckesi (2011) – A avaliação deve ser diagnóstica e formativa, voltada ao acompanhamento do processo de aprendizagem, não à punição.
 - Fernandes (2006) – Avaliar de modo inclusivo implica considerar contextos, ritmos e linguagens diversificadas.
 - Stainback & Stainback (2006) – A colaboração docente é o caminho mais eficaz para construir comunidades escolares de aprendizagem inclusivas.
 - Princípio da Equidade (UNESCO, 2017) – Avaliar com justiça é reconhecer as diferenças e oferecer meios diferenciados para que todos possam demonstrar suas competências.
- 🍷 “Avaliar é acolher o percurso do estudante — não o comparar, mas o compreender.”



ESTRUTURA E ETAPAS DA OFICINA

Tempo total sugerido: 1h30 a 2h
Público-alvo: Professores, coordenadores, técnicos pedagógicos e demais profissionais da EPT.
Formato: Presencial ou remoto (com adaptações acessíveis).



MATERIAL DE APOIO TEÓRICO

PRÁTICAS

AVALIAÇÃO MEDIADORA



ACESSE O VÍDEO





Passo a passo da atividade

1. Acolhida – Dinâmica “Avaliação Cega” (15 min)

Objetivo: Vivenciar na prática como a ausência de critérios claros e de colaboração pode gerar insegurança e exclusão no processo avaliativo.

Materiais: Folhas de papel, lápis coloridos, venda para os olhos, música ambiente.

Desenvolvimento:

- O facilitador convida os participantes a desenharem algo simples (ex.: uma flor) com os olhos vendados, sem saber o critério de avaliação.
- Após o término, ele anuncia critérios “imprevistos” (ex.: quem usou mais azul, quem desenhou maior).
- Risos e desconfortos emergem — momento ideal para refletir.

Discussão:

- Como vocês se sentiram sendo avaliados sem clareza ou com critérios injustos?
- Quais barreiras semelhantes podem ocorrer na escola?
- Como o ensino colaborativo pode tornar a avaliação mais justa, dialogada e significativa?

EXPOSIÇÃO DIALOGADA



2. Explicação Dialogada com Recursos Multimídia (15 min)

Conteúdo:

- O que é ensino colaborativo (coensino, coplanejamento e coavaliação).
- Avaliação inclusiva: do olhar deficitário à valorização do processo.
- Práticas de feedback construtivo e avaliação mediadora.
- Exemplo: dupla docente – professor de área + AEE planejando juntos uma avaliação com múltiplas formas de expressão (texto, áudio, vídeo, mapa conceitual).



🔊 Vídeos sugeridos para inserir como disparadores:

- “Ensino Colaborativo e Práticas Inclusivas” – (Instituto Rodrigo Mendes).
- “Avaliar para Incluir” – (UNESCO Brasil).
- “O que é Ensino Colaborativo?” – (TV Escola).



3. Dinâmica Lúdica – “Termômetro da Avaliação” (20 min)



Objetivo: Estimular a reflexão crítica sobre práticas avaliativas na escola.

Materiais: Cartazes com a escala: ● Concordo | ● Em dúvida | ● Discordo.

Desenvolvimento:

O facilitador lê frases provocativas, e os participantes se posicionam fisicamente conforme sua opinião.

Frases exemplos:

- “Avaliar é dar nota.”
- “A prova é o instrumento mais justo de avaliação.”
- “O estudante com deficiência deve fazer a mesma prova dos demais.”
- “Feedback é parte essencial da avaliação.”

Após cada afirmação, abre-se breve diálogo.

4. Atividade Prática – “Coensino em Ação” (30 min)

Objetivo: Planejar avaliações colaborativas e acessíveis a partir de casos reais.

Desenvolvimento:

- Dividir os participantes em grupos.
- Entregar estudos de caso (ex.: estudante com TDAH, dislexia, discalulia, disgrafia, disortografia, etc).
- Cada grupo deve:
 - a. Identificar barreiras na forma tradicional de avaliação.
 - b. Criar uma proposta de coavaliação entre professores (sala comum + AEE).
 - c. Indicar instrumentos alternativos (mapa mental, vídeo, portfólio, autoavaliação guiada).
 - d. Apresentar a proposta de modo criativo (encenação, painel digital, infográfico).



Dica: usar um QR Code para registrar as opiniões via Mentimeter ou Padlet, gerando um gráfico coletivo em tempo real.

Dica: inserir QR Code para planilha modelo “Planejamento Colaborativo de Avaliação Inclusiva” em formato digital (Google Docs)





SÍNTESE E FECHAMENTO – CÍRCULO DA COOPERAÇÃO

5. Síntese e Fechamento – Dinâmica “Círculo da Cooperação” (10 min)

Objetivo: Consolidar o compromisso coletivo com práticas avaliativas colaborativas.

Desenvolvimento:

- Formar um círculo com fita colorida (símbolo da interconexão docente).
- Cada participante segura um trecho e compartilha:
- “Uma forma de tornar a avaliação mais inclusiva e colaborativa é...”
- Ao final, todos levantam a fita juntos, simbolizando a rede de cooperação construída.

✨ Mensagem final:

“Ensinar e avaliar juntos é mais do que dividir tarefas — é compartilhar sonhos e responsabilidades pela aprendizagem de todos.”





CONSTRUINDO UMA REDE DE SABERES INCLUSIVOS

Introdução

As oficinas apresentadas neste eBook foram pensadas como espaços de reflexão, troca e vivência sobre práticas pedagógicas inclusivas. No entanto, o verdadeiro impacto dessas formações ocorre quando as aprendizagens e experiências não se encerram nelas, mas se expandem e se tornam movimentos coletivos e contínuos dentro das instituições.

A criação de uma Rede de Saberes Inclusivos surge, portanto, como um desdobramento natural e necessário desse processo: uma rede viva, colaborativa e formativa, onde professores, estudantes, gestores e demais profissionais da escola possam compartilhar saberes, desafios, estratégias e conquistas relacionadas à inclusão e à equidade educacional.

Como afirma Paulo Freire (1996, p. 78), “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo.” A rede de saberes é essa comunhão: um espaço de diálogo permanente que fortalece o compromisso coletivo com uma escola verdadeiramente inclusiva.



CONSTRUINDO UMA REDE DE SABERES INCLUSIVOS



Objetivos da Rede de Saberes Inclusivos

- Promover o diálogo permanente entre os profissionais da educação sobre práticas pedagógicas inclusivas.
- Valorizar as experiências docentes, transformando-as em conhecimento compartilhado.
- Fortalecer o ensino colaborativo, estimulando parcerias entre professores da sala comum, do AEE e demais setores da escola.
- Sistematizar saberes e práticas produzidos nas oficinas, garantindo sua continuidade e ampliação.
- Consolidar uma cultura institucional de inclusão, baseada na corresponsabilidade e no aprendizado coletivo.



Instruções para a Formação da Rede

1. Organização Inicial

- A escola deverá instituir um Grupo de Acompanhamento das Oficinas, composto por representantes da equipe pedagógica, professores e, se possível, estudantes.
- Esse grupo será responsável por articular os encontros, registrar as ações e manter ativa a comunicação entre os participantes.
- Escolher um nome simbólico para a rede (ex.: “Tecendo Saberes”, “Redes que Incluem”, “Trilhas da Inclusão”), reforçando o sentido de pertencimento.

2. Encontros Periódicos

- Realizar reuniões mensais ou bimestrais, com duração de 1 a 2 horas, em formato presencial ou híbrido.
- Cada encontro pode ter um tema central, retomando conteúdos das oficinas, como:
 - Barreiras à aprendizagem e participação;
 - Ensino colaborativo e coavaliação;
 - Estratégias pedagógicas inclusivas;
 - Uso de tecnologias acessíveis.
- Os encontros devem priorizar a troca de experiências e relatos de prática, incentivando que os professores compartilhem situações reais e soluções encontradas.





CONSTRUINDO UMA REDE DE SABERES INCLUSIVOS

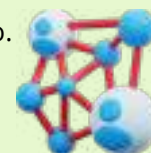


4. Ampliação da Rede

- Incentivar o envolvimento de outros campi, escolas parceiras e instituições formadoras, ampliando o alcance da rede.
- Promover rodas de conversa, minicursos, feiras pedagógicas e lives interinstitucionais sobre inclusão e diversidade.
- Criar canais de comunicação (grupo no WhatsApp, e-mail institucional, fórum online) para manter o diálogo entre os participantes.

5. Sistematização e Divulgação

- Ao final de cada semestre, o grupo de acompanhamento pode organizar um relatório reflexivo ou uma mostra pedagógica, apresentando os aprendizados e avanços da rede.
- Essa socialização fortalece o protagonismo docente e a identidade inclusiva da instituição.



Formar uma rede de saberes é compreender que a inclusão é um processo coletivo, contínuo e inacabado.

Cada diálogo, cada troca e cada gesto de colaboração se transforma em um fio que tece o tecido de uma escola mais humana e democrática.

“A rede se faz quando compartilhamos o que sabemos e escutamos o que o outro tem a dizer. É na partilha dos saberes que a inclusão floresce.”



REFERÊNCIAS:

- AINSCOW, M.; MILES, S. Developing inclusive education systems: how can we move policies forward? Prospects, v. 38, n. 1, p. 5–20, 2009.
- BOSSA, N. A. A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- BRASIL. Ministério da Educação. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2008. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducuespecial.pdf>. Acesso em: 16 out. 2025.
- CARVALHO, R. E. Removendo barreiras para a aprendizagem: educação inclusiva. Porto Alegre: Mediação, 2000.
- HUDSON, Diana. Dificuldades específicas de aprendizagem: ideias práticas para trabalhar com Dislexia, Discalculia, Disgrafia, Dispraxia, TDAH, TEA, Síndrome de Asperger, TOC. Petrópolis: Vozes, 2019.
- FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- INSTITUTO ABCD. Instituto ABCD: Dislexia e Transtornos de Aprendizagem. São Paulo, 2025. Disponível em: <https://www.institutoabcd.org.br/>. Acesso em: 19 out. 2025.
- INSTITUTO RODRIGO MENDES. Ensino colaborativo e práticas inclusivas. [Vídeo]. YouTube, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YglI2YxSUg4>. Acesso em: 16 out. 2025.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.
- MENDES, E. G.; ZERBATO, A. P.; CAPELLINI, V. L. M. F. Ensino colaborativo: estratégias para a inclusão escolar. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 21, n. 3, p. 299–316, 2015.
- NOVA ESCOLA. Avaliação formativa e feedback: escutar para transformar. Podcast. São Paulo: Associação Nova Escola, 2020. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/20862/avaliacao-formativa-corrigindo-rotas-para-avancar-na-aprendizagem>. Acesso em: 16 out. 2025.
- OLIVEIRA, Patrícia; ZUTIÃO, Patrícia; MAHL, Eliane. Transtornos, distúrbios e dificuldades de aprendizagem: como atender na sala de aula comum. In: SEABRA, M. A. B. (Org.). Distúrbios e transtornos de aprendizagem: aspectos teóricos, metodológicos e educacionais. Curitiba: Bagai, 2020. p. 8–19.
- PAVIANI, Jayme; FONTANA, Roseli. Oficinas pedagógicas: uma metodologia de ensino-aprendizagem. 2009.
- SAVIANI, D. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. 11. ed. Campinas: Autores Associados, 2011.
- UNESCO BRASIL. Avaliar para incluir. Brasília: UNESCO, 2015. [Vídeo]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Zd20EAiGHil>. Acesso em: 16 out. 2025.
- SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão: construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 2006.
- VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

REFERÊNCIAS:

https://clinicaeureka.com.br/inclusao_exclusao/AINSCOW, Mel.; BOOTH, Tony. Index para a inclusão: desenvolvendo a aprendizagem e a participação nas escolas. Traduzido por: SANTOS M. P. e João Batista ESTEVES J. B. (LaPEADE), 3. ed. Bristol: CSIE – Centre for Studies on Inclusive Education, 2011.

<https://prezi.com>

https://www.youtube.com/watch?v=qS63YO_i1Ik

<https://www.youtube.com/watch?v=qjVARTZDMZs>

